

ENSAIO SOBRE TRABALHADORES TERCEIRIZADOS E LUTA SINDICAL, DE PAULA MARCELINO

Resenha

MARCELINO, Paula. **Trabalhadores terceirizados e luta sindical**. Curitiba: Appris, 2013. 308 p.

Santiane Arias¹

Palavras-chave

Sindicalismo, terceirização, precarização

Keywords

Union, outsourcing, precarious labor

O livro *Trabalhadores Terceirizados e Luta Sindical*, de autoria de Paula Marcelino, coloca no centro do debate a possibilidade da organização sindical dos trabalhadores terceirizados. Ele é o resultado de uma pesquisa de doutorado, com tese defendida na Unicamp em 2008.

A pesquisa partiu da análise da atuação de dois grandes sindicatos da região de Campinas, o Sinticom² e o Seaac³. O primeiro, atuando junto aos trabalhadores terceirizados da Refinaria de Paulínia (Replan) e o segundo, com os trabalhadores da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp). Marcelino já havia abordado o tema da terceirização (MARCELINO, 2004). O material recolhido, ao longo de vários anos de estudos, lhe forneceu dados e argumentos suficientes para indicar um aspecto decisivo do processo de terceirização da mão de obra brasileira, qual seja, a precarização das condições de trabalho.

Para a autora, o fenômeno da terceirização no Brasil está intimamente associado à redução de custos e à recomposição das taxas de lucro das empresas. De modo que, como ela mesmo escreve, “[...] a terceirização é uma importante estratégia do capital de ampliação da exploração da classe trabalhadora” (p. 38). Tal conclusão mobiliza questões importantes, que ultrapassam os limites do objeto empírico considerado, trazendo à tona as vicissitudes e as possibilidades da organização de trabalhadores num contexto de implantação das políticas neoliberais e reestruturação produtiva.

O cenário não é dos mais favoráveis. No entanto, os terceirizados não apenas podem se organizar em sindicatos, como podem ter atuação com-

¹ Mestre em Sociologia e doutora em Ciência Política.

² Sinticom - Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Construção, Mobiliário, Cerâmica, Montagens Industriais, Mármore, Granitos, Cimento, Cal e Gesso de Campinas.

³ Seaac - Sindicato dos Empregados de Agentes Autônomos do Comércio e em Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas e de Empresas de Serviços Contábeis de Campinas.

bativa e efetiva. Essa tese se opõe, em grande medida, a outra, de grande repercussão teórica: aquela da crise do sindicalismo e, em última instância, do declínio histórico do movimento sindical – abordagem que orientou diversas pesquisas, tanto no campo da sociologia do trabalho, como da ação coletiva. Em resumo, o alto desenvolvimento tecnológico e as mudanças na organização do processo produtivo teriam: primeiro, colocado em evidência um novo tipo de trabalhador, não-manual; segundo, fragmentado sobremaneira as solidariedades constituídas outrora, alterando drasticamente o modelo organizacional predominante no século XX. O que Marcelino nota, no entanto, é que a heterogeneidade atual não determina o grau de mobilização. De modo que os obstáculos impostos pelo surgimento de novas funções e regimes de trabalho podem, em situações determinadas, converter-se mesmo em fator de aglutinação e luta dos trabalhadores. Isso porque, explica ela:

A tese da fragmentação como causa fundamental da crise do sindicalismo ignora, também, que há, no capitalismo contemporâneo, um processo contrário à fragmentação que é de homogeneização entre os trabalhadores de classe média e os operários; entre os trabalhadores de diferentes nacionalidades; entre os trabalhadores e as trabalhadoras etc. (p.106)

A autora não nega, assim, as particularidades, e tampouco as dificuldades impostas pela fragmentação profissional à atuação dos sindicatos. Todavia, destaca na análise outros fatores, ou antes, o nexos necessário entre eles. Nesse sentido, avalia também atentamente o papel da estrutura sindical, uma vez que ela estabelece as formas de representação das categorias, a relação com as centrais e os meios de sobrevivência da organização.

Conforme o leitor verá no decorrer do livro, acreditamos que a experiência dos trabalhadores terceirizados e seus sindicatos na Unicamp e na Replan mostram que o peso da heterogeneidade das classes trabalhadores na criação de dificuldades para organização sindical foi superestimado. Inversamente, os limites impostos à organização e à ação sindical dos trabalhadores pela estrutura sindical corporativa de Estado foram negligenciados (p.12).

Este é, sem dúvida, um ponto rico do livro, mas não o único. Ao propor um conceito de terceirização que incorpora aspectos do conflito entre classes, Marcelino se defronta com toda uma bibliografia nas áreas de administração de empresas e direito, em que a noção, esvaziada de conflitividade, omite as implicações políticas. Por outro lado, a parceria entre terceirização e precarização é comumente considerada nas áreas das ciências sociais, mas carece, ainda assim, de um conceito operacional que indique essa imbricação. Assim, Marcelino busca uma definição de terceirização que cumpra, ao mesmo tempo, uma função analítica e política. Em suas palavras:

[...] para sermos rigorosos com a amplitude da utilização da terceirização e por reconhecer a importância política que ela tem na organização dos trabalhadores, optamos por uma definição abrangente: terceirização é todo o processo de contratação de trabalhadores por empresa interposta, cujo objetivo último é a redução de custos com a força de trabalho e/ou a externalização dos conflitos trabalhistas. (p.50)

O livro está dividido em três capítulos de leitura agradável e fluente. O primeiro deles estabelece os termos nos quais a análise da autora é realizada. Aqui encontramos o debate sobre terceirização, neoliberalismo, reestruturação produtiva e crise do sindicalismo, sempre associados ao contexto brasileiro. O segundo capítulo, dedicado ao Sinticom, e o terceiro, ao Seaac, seguem uma estrutura parecida, ambos destacam quatro aspectos da ação sindical: o perfil político do sindicato; as táticas de luta; a influência da estrutura sindical na organização dos trabalhadores e a avaliação dos trabalhadores sobre a atuação do seu sindicato.

Ao longo dos dois últimos capítulos são apresentados dois tipos bem diferentes de ação sindical. Enquanto o Sinticom representa um sindicalismo ofensivo e mobilizador, com discurso classista, paralisações, assembleias e greves frequentes, o Seaac expressa um sindicalismo desmobilizador, pautado na conciliação entre classes, fortemente apegado à tutela do Estado, cujo horizonte mais longínquo é o recurso à justiça do Trabalho.

Ao partir de uma análise rica, que considera tanto os aspectos estruturais e conjunturais do capitalismo como o papel das perspectivas e escolhas políticas das lideranças sindicais, a tese de Marcelino é procedente, já que afirma que a heterogeneidade não determina a capacidade de mobilização e organização dos trabalhadores. De fato, a fragmentação ocupacional convive com outros processos de homogeneização, entre os quais a precarização das condições de trabalho em geral. Essa convivência pode, sim, resultar em um sindicalismo combativo, como tão bem exemplifica o Sinticom.

Na linha do trabalho desenvolvido, poderíamos ainda mobilizar outros fatores a ser considerados na efetividade e no sucesso da atuação sindical. É o caso do setor econômico envolvido. Como a própria autora lembra, a Replan é a maior refinaria de petróleo do Brasil e o número de terceirizados da empresa supera bastante o da mão de obra concursada.

Trabalhadores Terceirizados e Luta Sindical cumpre, assim, o que a autora diz ter se proposto com o conceito de terceirização: trata-se de um estudo de alcance analítico e político que, na linha de alguns trabalhos mais recentes, ao considerar o novo folêgo do sindicalismo, problematiza a visão extremamente cética dos anos de 1980 e 1990 a respeito da organização dos trabalhadores.